

# O QUE PODE A EDUCAÇÃO INFANTIL APRENDER COM ARNO STERN SOBRE ARTE NA PRIMEIRA INFÂNCIA?

WHAT CAN CHILDHOOD EDUCATION LEARN FROM ARNO STERN  
ABOUT ART IN EARLY CHILDHOOD?

<https://orcid.org/0000-0002-4140-3864>  Luciane Germano Goldberg

Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil

Recebido em: 10 out. 2025 | Aceito em: 30 out. 2025  
Correspondência: Luciane Goldberg (lucianegoldberg@ufc.br)

## Resumo

A questão enunciada no título – O que pode a Educação Infantil aprender com Arno Stern sobre arte na primeira infância? – é uma provocação e, ao mesmo tempo, uma sinalização da busca empreendida para identificar contribuições do arte/educador Arno Stern (1924-2024) para a Educação Infantil. No campo da arte/educação é considerado um dos expoentes da “livre expressão”. O profundo respeito que nutria pelas crianças e seu processo criador levou-o a fundar o ateliê *Closlieu*, um “local abrigado”, de liberdade e não julgamento, para a expressão espontânea através da pintura. Observamos, entretanto, que suas proposições e concepções – como o “jogo de pintar”, desenvolvido por mais de 70 anos com crianças, jovens e adultos, em Paris – ainda são desconhecidas no Brasil, não figurando entre os fundamentos da arte na Educação Infantil e na formação docente para as infâncias. Atravessando o desconhecimento, no contato com sua obra, capturamos princípios e proposições ainda atuais, para se pensar a arte na primeira infância. Na busca, testemunhamos que Stern não estava preocupado em ensinar técnicas de pintura, tampouco desejava deixar as crianças à própria sorte, como supõe o termo em francês, tão conhecido, *laissez faire*, reportado na crítica à “livre expressão”. Ele estava dedicado a “servir” às crianças e, desse compromisso, derivam princípios da sua prática: escuta, atenção, cuidado e, sobretudo, respeito às crianças e sua expressão através da arte, tão ordinariamente sufocada na primeira infância.

**Palavras-chave:** Arno Stern; Educação Infantil; Arte na Primeira Infância; Livre-expressão; Ateliê Pintante.

## Abstract

The question posed in the title – What can Early Childhood Education learn from Arno Stern about art in early childhood? is a provocation and a signal of the ongoing search to identify the contributions of art educator Arno Stern (1924-2024) to Early Childhood Education. In the field of art education, he is considered a leading figure in "free expression". His profound respect for children and their creative process led him to found the *Closlieu* atelier, a "sheltered place" of freedom and non-judgment for spontaneous expression through painting. We note, however, that his proposals and concepts – such as the "painting game," developed for over 70 years with children, young people, and adults in Paris – are still unknown in Brazil, not among the foundations of art in Early Childhood Education and teacher training for children. By crossing the unknown, through contact with his work, we captured principles



---

and propositions still relevant for considering art in early childhood. In this research, we witnessed that Stern was not concerned with teaching painting techniques, nor did he wish to leave children to their own devices, as the well-known French term *laissez faire*, used in criticism of "free expression," suggests. He was dedicated to "serving" children, and from this commitment derive the principles of his practice: listening, attention, care, and, above all, respect for children and their expression through art, so often stifled in early childhood.

**Keywords:** Arno Stern; Early Childhood Education; Art in Early Childhood; Free Expression; Atelie Pintante.

## Preâmbulo: uma busca que mobiliza a escrita de um texto

*Ser um prático de educação criadora é, por certo, rejeitar muitas instituições existentes, mas sobretudo instaurar novas. Os responsáveis que terão a obrigação de modificar esta velha escola, mesmo quando esta modernizar os seus métodos, poderão inspirar-se no atelier, porque aí encontrarão – e talvez pela primeira vez – a criança na sua verdadeira dimensão, vivendo segundo a sua natureza e no seu meio autêntico. E, se não forem demasiado prisioneiros das imagens do passado, conceberão então uma escola não parecendo mais uma máquina que transforma as crianças em alunos, mas que será um atelier. Então a educação criadora não aparecerá mais em oposição com a escola, tornando-se, por seu lado, criadora*

*Arno Stern (1978, p.143)*

Este texto nasce de uma busca: identificar contribuições do pensamento e prática do arte/educador alemão, radicado em Paris – França, Arno Stern (1924-2024), para se pensar a arte na educação das infâncias, de modo geral, e na Educação Infantil, especificamente. Por que trazer um autor centenário e expoente da chamada “livre-expressão” para a discussão sobre arte na/com as infâncias, na atualidade? Dando a conhecer um autor cujo pensamento é completamente avesso à escola tradicional, como ele próprio nos deixa ver, com suas palavras em epígrafe, ao perscrutar sua obra para identificar princípios que contribuem para avançarmos no pensar/fazer arte na Educação Infantil, abre-se a possibilidade de revisitarmos, também, equívocos que rondam a crítica à “livre-expressão”.

Desde o princípio da minha formação no campo da arte e da arte/educação, busquei conhecer os caminhos da história do ensino de arte no Brasil, para compreender as abordagens, as tendências, os princípios e as concepções desenhadas nesses caminhos. Situando-me politicamente na experiência e na produção de conhecimentos na fronteira entre a arte e a educação, atuo como professora de arte e arte/educação desde os anos 2000, acumulando experiências de ensino, pesquisa e extensão neste campo em diferentes instâncias e com diferentes grupos e faixas etárias, em espaços escolares e não escolares.

Ao assumir meu ofício de professora do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, comecei a compreender a extrema necessidade de que pedagogos/as em formação e professores/as das infâncias também tenham acesso a esses conhecimentos e histórias, para identificar o lugar da arte na escola e na Educação Infantil, suas contradições, estigmas e

---

fragilidades, mas principalmente para compreender sua beleza e potência, seu significado e sua importância para a formação humana, assim como para estarem cientes do caminho de luta política do movimento de arte/educação no Brasil.

No contexto do trabalho com a arte na primeira infância, estudantes e educadores/as precisam ler sobre a “livre expressão” no Brasil, por exemplo. Este é um modo de desenvolver um olhar crítico e contextualizado sobre aspectos positivos e negativos dessa vertente educacional, indo aos poucos se localizando e identificando, no curso da história do ensino de arte, orientações e inspirações para a prática pedagógica, seja na Educação Infantil, seja na escola. A pedagogia tem muito a aprender com a arte e vice-versa, não é mesmo?

Assim, ao longo desses anos de docência, a partir dos estudos sobre a história do ensino de arte no Brasil, especialmente com base nas pesquisas e publicações de Ana Mae Barbosa (1978; 1986; 1997; 1998; 2008; 2011; 2019), de Maria de Rezende Fusari e Maria Heloisa de Ferraz (1992; 1999), entre outros/as, venho aprofundando conhecimentos acerca de três grandes abordagens do ensino de arte – educação através da arte, educação artística e arte/educação – e suas reverberações na educação escolar, assim como sobre as relações com as tendências educacionais. Compreender e me situar na história, também através de um olhar (auto)biográfico (Goldberg, 2012a; 2012b; 2014; 2018), permitiu-me ver a encarnação das ideias, teorias, práticas, leis, posturas etc. desta história macro na vida de muitos estudantes de Pedagogia, além de viver com eles/as essa história encarnada, viva, em que é possível conhecer e se apropriar da história, compreendendo nosso lugar no mundo e nosso papel como educadores/as.

Faço esse preâmbulo para indicar que, neste texto, pretendo situar historicamente o movimento da “educação através da arte”, e da chamada “livre expressão” no nosso país, destacando ideias que permitem tecer conexões entre pensamento e prática de Arno Stern (um autor que pouco chegou até nós, no Brasil) e as concepções que fundam o referido movimento.

Estruturado em cinco tópicos, o texto começa apresentando o autor em foco, por meio de uma nota biográfica, situando também o meu contato com suas produções teóricas e práticas. Na continuidade, escrevo sobre a “livre-expressão”, trazendo alguns aspectos históricos que contribuem para contextualizar o pertencimento do autor ao movimento da “educação pela arte” e tensionando seus significados. No terceiro tópico, seguindo pelos caminhos da história, costurando reflexões, destaco alguns aspectos do seu pensamento e de sua prática para pensarmos arte na primeira infância a partir de suas publicações em língua portuguesa: *Aspectos*

e técnicas da pintura de crianças (Stern, 1974); *Uma nova compreensão de arte infantil* (Stern, [19--]); e *Iniciação à educação criadora* (Stern, 1978). Uma de suas obras mais atuais – *Le jeu de peindre* (Stern, 2011) –, ainda sem tradução no Brasil, também é consultada. No quarto tópico, apresento ressonâncias do estudo das obras de Arno Stern, citadas ao longo do artigo: falando da implementação dos Ateliês Pintante no Instituto da Primeira Infância (IPREDE) e na Faculdade de Educação da Universidade do Ceará (FACED/UFC), na cidade de Fortaleza-CE, aponto o quanto temos aprendido sobre arte na primeira infância nesses diferentes contextos; aprendizagens que, de certo modo, impulsionam a reflexão e confirmam a atualidade e potência do pensamento e da prática do arte/educador em causa. Para fechar a composição do quadro proposto, as considerações finais argumentam sobre a pertinência de revisitar Arno Stern, lembrando de uma lição fundante: o respeito à criança e à sua expressão.

### **Arno Stern: um servant**

*Si je devais résumer, em un seul mot,  
ce que j'enseigne aux futurs praticiens,  
je dirais: le respect.<sup>i</sup>*

*Arno Stern*, (2011, p. 43)

Arno Stern nasceu em Kassel, na Alemanha, em 1924, onde viveu sua primeira infância. Em 1933, a família, fugindo do regime nazista, refugiou-se na França e, quando o país foi ocupado, junto com seus pais atravessou as fronteiras para a Suíça, quando foram acolhidos em um campo de trabalho. Ali viveu sua adolescência e voltou para a França após o final da guerra. E foi então que, aos 22 anos, em 1946, recebeu o convite para trabalhar com crianças em uma casa de órfãos de guerra em Fontenay, França – “Casa da Criança” –, em que resolveu trabalhar com pintura com as crianças, tendo como intuito ocupá-las, recreá-las. Como havia muitas crianças e as condições eram precárias, com pouco espaço e materiais, ele relata que foi criando estratégias de modo intuitivo, a partir da observação e das necessidades do grupo, o que foi configurando, paulatinamente, um ateliê e uma prática singulares. A partir dessa experiência, em 1950, cria em Paris um espaço denominado *L'académie du Jeudi*, que, em 1986, batiza de *Closlieu* (do francês “lugar abrigado”), um ateliê único com características e estrutura específicas, que abriga uma prática singular, denominada como *Le jeu de peindre*, o “jogo de pintar” (Stern, 2011).

Meu primeiro contato com Arno Stern aconteceu de modo muito pontual, na graduação em Artes Plásticas nos anos 1990. Fiquei completamente maravilhada, ou mesmo, impactada, quando vi, pela primeira vez, imagens do ateliê *Closlieu* de Paris (Figura 1), quando cursava a disciplina de Arte-Educação, ministrada pela professora Cleusa Helena Peralta-Castell, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Figura 1 – Arno Stern em seu ateliê *Closlieu* em Paris



Fonte: <https://arnostern.com/> : acesso em 29 de setembro de 2025

Seu ateliê me encantou, com sua mesa-paleta com 18 cores em tons do arco-íris e as paredes coloridas cobertas com a textura de pinceladas. Essa imagem ficou registrada na minha memória como um “lugar” de sonho e de oportunidade para a expressão através da pintura e, à medida que meus interesses me direcionavam para o trabalho com arte na primeira infância, sonhava em um dia poder conhecer, aprofundar conhecimentos sobre esse “ateliê colorido” e, quem sabe, poder proporcionar algo semelhante.

À medida que fui tendo acesso à sua obra, seu pensamento e sua prática, inicialmente a partir dos livros publicados em língua portuguesa, datados dos anos 1970, fui compreendendo sua admirável postura de educador e a proposta do seu ateliê. Sua paixão é evidente, assim como sua satisfação como educador, ou como ele era identificado profissionalmente no começo: “*Praticien d’Éducation Créatrice*”, (Stern, 2011, p. 45), traduzindo: “professor de educação criadora”, que posteriormente ele vai definir como “*Servant du Jeu de Peindre*” (*idem*), “servidor do Jogo de Pintar”. No documentário *Alphabet<sup>ii</sup>*, de 2013, de Erwin Wagenhofer, em que se critica o sistema de ensino moderno por sufocar a criatividade, a

imaginação e a expressão, Arno Stern, entre outros educadores contemplados no filme, assim se apresenta:

[...] meu nome é Arno Stern, eu nasci em 1924 em Kassel. Eu sou um servidor do jogo de pintar. Esta é uma profissão que eu inventei, que não existia, anteriormente. Como o Closlieu". Foi aqui que isso começou. Meu papel é desenvolvido a partir daí. Meu papel de servidor<sup>iii</sup>.

Essa “profissão” criada por ele revela a postura de alguém que está ali para “servir”, prover as condições necessárias à criação e que zela pela liberdade de expressão da criança. A partir dos estudos de sua obra e da experiência no ateliê, comprehendo o *Servant* como um mediador, um interlocutor e um “guardião” da arte na primeira infância. É aquele que está presente sem julgar, comparar, impôr, que conhece cada “pintante”, acompanha seus processos, orienta, estimula e, acima de tudo, escuta, respeita.

Os termos *Servant*, *Closlieu*, “Fomulação”, “Semiologia da Expressão”, “Memória orgânica”, entre outros, só chegaram até mim nos últimos anos, quando tive a oportunidade de realizar formações com a arte/educadora Soraya Lucato<sup>iv</sup> e, através dela, ter contato com algumas das obras mais recentes de Arno Stern, onde esses termos e a dimensão atual do seu trabalho figuram. O *Servant* atua exclusivamente no *Closlieu*, onde se pratica *Le Jeu de Peindre*.

Concebido a partir da experiência de Arno Stern na casa de órfãos de guerra, o *Closlieu*, que significa “lugar abrigado”, se caracteriza por

[...] uma sala sem janelas, com a mesa-paleta disposta no centro com suas 18 cores, onde se pinta em um papel fixado na parede. As paredes são revestidas, do chão ao teto, com um material isolante macio que permite o uso de “tachinhas”, as quais fixam os papéis na parede. Esse material é coberto por um papel pardo, o papel “kraft”, onde se depositam os “transbordamentos” das pinceladas das pinturas, em que vai se criando uma “textura dos rastros coletiva”. Ao longo do tempo, deve-se mover os papéis na parede para que toda sua superfície vá sendo coberta, formando a textura de traços horizontais e verticais coloridos, característica estética marcante do *Closlieu* (Goldberg, 2025, p. 5).

Para Stern (1978), o ambiente fechado, sem janelas, além de prover a superfície para a fixação das pinturas, proporciona uma sensação de proteção, como a da “bolsa pré-natal”, espaço estável que promove estabilidade e segurança, criando um clima de quietude propício à concentração, especialmente nos dias atuais, em que há muito estímulo externo que atrapalha um trabalho expressivo mais profundo.

Com o intuito de preservar a criação espontânea e original da criança, no *Closlieu*, se pratica o “jogo de pintar”, que se diferencia da “arte da pintura”: “No Jogo de Pintar, ele propõe

uma ‘ruptura’ com o hábito de criar obras com a missão comunicativa ou especulativa, focando no prazer espontâneo de criar sem um destinatário, sem necessariamente ter que comunicar algo, se endereçar a alguém, alcançar algum objetivo técnico etc.” (Goldberg, 2025, p. 9). Desta forma, não se almeja a formação de artistas e não se ensina a técnica da pintura, mas ela será apreendida de modo experencial, não diretivo – ao pintar, o pintante aprenderá sobre como usar o pincel, a tinta, a água, etc. e sobre aspectos da pintura, sendo orientado sutilmente pelo *Servant* a partir de seus interesses e necessidades:

O *Servant* fica atento às necessidades individuais e coletivas de cada um, se antecipando e oferecendo alternativas que promovam conforto ao pintar (bancos, almofadas, escada etc.), cuida para recuperar “gotas” de tinta que, porventura, possam escorrer e estragar a pintura e faz as misturas de cores solicitadas. Ele zela pela organização e regras do jogo, ensinando sutilmente como as crianças devem usar a mesa-paleta, os pincéis, as tintas, a água e todo o restante (Goldberg, 2025, p. 8).

Como todo jogo, ele tem suas regras, resumidas basicamente da seguinte maneira: o pintante escolhe o lugar onde deseja pintar; as pinturas são realizadas tendo a parede como suporte; cada um pinta no seu papel; não há modelos a seguir, assim como não há julgamentos, comparações etc.; cada um é livre para pintar o que quiser e fazer quantas pinturas quiser; o jogo é coletivo e os participantes têm diferentes faixas etárias; os pincéis são usados de acordo com a cor – para cada cor há pincéis de espessuras diferentes; não se misturam as cores na mesa-paleta; para a mistura de cores outras que não sejam aquelas dispostas na mesa-paleta, o *Servant* fará as misturas junto ao pintante.

O *Servant*, “servidor”, “zelador” ou “guardião” nos fala de um educador presente, acolhedor e ao mesmo tempo firme, que escuta, acompanha, incentiva, orienta e, acima de tudo, preserva, defende e respeita a arte da criança em sua espontaneidade. Um educador considerado radical ao instaurar uma prática num contexto em que a educação tradicional imperava nas escolas, com seus modelos, padrões, julgamentos e comparações, podando a criatividade, a expressão e a criação espontânea. Pouco conhecido e estudado no Brasil, Arno Stern figura, junto a outros educadores, como um dos expoentes da “livre expressão”, o que veremos a seguir.

### **Para além de um expoente da “livre expressão”**

*Quero falar também do compromisso do educador.  
A educação criadora é uma atividade que, materialmente, deve ocupar um lugar importante na sua existência. Não se pode “fazer as crianças pintar” uma tarde por semana pelo prazer de uma*

*ocupação, levando depois uma vida que exclui a educação. Porque não é possível viver abstraindo-se do atelier. A concepção de existência torna-se diferente para ela, e isto nos domínios mais inesperados, envolvendo mesmo as relações do professor ou da professora com a família, com a sociedade e suas instituições, a filosofia, a arte, a política, a moral... Esta transformação é necessária, o atelier é monopolizador para o espírito e é-o também fisicamente. Mais vale abster-se do que praticar a educação criadora levianamente.*  
**Arno Stern (1978, p. 46).**

Atualmente, quando falamos em “educação através da arte” e em “livre expressão”, há consideráveis críticas e julgamentos negativos às reverberações dessas abordagens que, para muitos, seria o resultado de interpretações descontextualizadas e tentativas superficiais de implementação da arte nas escolas brasileiras, no momento da institucionalização da “educação artística” nos anos 1970, a partir da LDB 5.692/71, que instituiu a arte na escola como “atividade obrigatória” em pleno contexto de ditadura militar no país. Não são pequenos os equívocos resultantes dessa institucionalização fora de contexto, que ocasionou posturas desvalorizadoras do ensino de arte na escola, as quais permanecem até hoje.

De lá para cá, é inegável o avanço que o movimento de arte/educação promoveu ao longo das últimas décadas na defesa da área de arte como conhecimento, de sua valorização enquanto componente curricular obrigatório nos currículos escolares, como postula a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96. Nesta perspectiva, defendemos a necessidade de luta constante de todos nós pela qualidade da arte na escola, porém, reconhecemos aspectos significativos provenientes do movimento “Educação através da arte” que valem a pena ser destacados e valorizados, ainda que seja preciso guardar as singularidades dos contextos e das realidades desse imenso país.

Dante do exposto, sou provocada, e me provoco, a pensar: o que podemos ainda aprender com esse movimento e com educadores como Arno Stern nos dias de hoje, sobre arte na escola?

Em uma obra clássica de Fusari e Ferraz (1992) sobre arte na escola, que conheci em minha formação e que utilizo com meus alunos da graduação, lemos:

A Educação Através da Arte é, na verdade, um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático. Valorizando despertar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence (Fusari; Ferraz 1992, p. 15).

Tal movimento foi difundido no país através das ideias do britânico Herbert Read (1983-1968) a partir do seu famoso livro *Educação pela Arte* (Read, 2001), publicado originalmente em 1943, e de outros expoentes, como John Dewey (1859-1952), Viktor Lowenfeld (1903-1960) e Franz Cizek (1865-1946), que, de modo geral, tinham como eixo norteador o pensamento da “arte não apenas como uma das metas da educação, mas, sim, como o seu próprio processo, que é considerado também criador” (Fusari; Ferraz, 1992, p. 15). Essas influências vão embasar a criação da Escolinha de Arte do Brasil por Augusto Rodrigues, no Rio de Janeiro, em 1948, e da Escolinha de Arte do Recife, por Noêmia Varela. Seguindo com Fusari e Ferraz (1992, p. 35): “a Educação Através da Arte, quando difundida no Brasil, recuperou a valorização da arte infantil e a concepção de arte baseada na expressão e na liberdade criadoras”.

Os estudos de Ana Mae Barbosa (2014) acerca da história do ensino de arte no Brasil ampliam a compreensão do contexto social, histórico e político na época da eclosão dessas ideias, que vão se organizar no que a autora denomina de “modernismo no ensino da arte”, desenvolvido sob a influência de John Dewey, e que nos chega através de Anísio Teixeira, principal personagem do movimento Escola Nova (Barbosa, 2014, p. 1). Ainda segundo a autora, a partir dos anos 1940 vamos ter o “fenômeno da arte como atividade extracurricular”, nas iniciativas de Theodoro Braga, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti e Mário de Andrade, na criação de escolas e ateliês de arte baseados na “expressão e no espontaneísmo” (Barbosa, 2014, p. 3). Alimentando a ideia de que a arte é uma forma de liberação emocional, movimento que leva, pelas influências do “neoexpressionismo” do pós-guerra na Europa e Estados Unidos, à valorização da arte da criança, começam a surgir, em nosso país, “A partir de 1947, [...] ateliês para crianças em várias cidades do Brasil, em geral orientados por artistas que tinham como objetivo liberar a expressão da criança, fazendo com que ela se manifestasse livremente sem interferência do adulto” (Barbosa, 2014, p. 5).

Identifico essas influências na minha própria formação, nos anos 1990, como estudante da licenciatura em Educação Artística, com habilitação em artes plásticas. O livro *Desenvolvimento da capacidade criadora* (Lowenfeld; Brittain, 1970), por exemplo, foi considerado como uma “espécie de bíblia dos arte/educadores de vanguarda” (Barbosa, 2014, p. 7). Algumas dessas referências que estudamos à época da graduação me servem até hoje como fundamentos. É o caso de Herbert Read e Viktor Lowenfeld.

E Arno Stern nesse contexto? É importante destacar que toda sua prática de/no ateliê esteve sustentada na ideia do “jogo”, diferenciando essa prática de uma “aula de arte”, buscando liberar a criação de toda pressão especulativa e performativa, de ter que atender a algum modelo ou alcançar alguma excelência técnica. Como encontrar a motivação e dar espaço para a espontaneidade, que se perde aos poucos na escola, quando tudo é controlado ou modelos são impostos e resultados esperados? Para a “livre expressão”, o processo é preponderante ao produto e, claramente, Stern defende esta ideia, porém ele trabalha para que a criança passe a criar por si e para si e não para ser julgada, comparada, premiada, pois, muitas vezes, o peso da criação, de ter que atender a uma expectativa, é o que leva a grandes frustrações e à desistência, ao medo de não conseguir, à crença de que não se é capaz: “*Lui parler d'une manifestation sans produit? Il dit: a quoi ça sert alors? Acceptera-t-il l'idée que la nécessité de jouer est plus important que l'orgueil d'être primé?*”<sup>v</sup> (Stern, 2011, p. 102).

O que deveria ser mais importante na primeira infância, quando se trata de arte na escola? Queremos crianças autônomas, criativas, espontâneas e satisfeitas, ou crianças que cumprem afazeres na expectativa de satisfazer, de atender expectativas, de serem reconhecidas como as “melhores”?

As ideias de Arno Stern dialogam e se sintonizam com o que postula Johan Huizinga, em seu livro *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura* (2014), especialmente sobre a “liberdade”, sobre seu caráter “desinteressado”, porém regulado por regras, que possuem “valor ético” e são “absolutas”. Para ambos, o jogo é uma atividade séria e, por sua finalidade autônoma, espontânea e de participação voluntária, pelo “deslocamento” ou “intervalo” da vida cotidiana que provoca, levaria à satisfação e à realização pessoal: “a criança joga e brinca dentro da mais perfeita seriedade, que a justo título podemos considerar sagrada” (Huizinga, 2014, p. 21).

Arno Stern nos ensina sobre a importância de promover a liberdade de expressão sem leviandade, defendendo que a educação deve encontrar um equilíbrio entre a liberdade e a disciplina: “a educação é um equilíbrio entre a liberdade e a disciplina, e que sem este equilíbrio nada é possível. A liberdade é difícil de viver. Ela existe em várias formas. Pode resultar do abandono e então ela faz as pessoas muito infelizes” (Stern, 1978, p.24). Por isso, quando a livre expressão foi para as escolas, de forma descontextualizada, configurou-se como um *laissez-faire* vazio de significado, que não deveria ter interferência do educador. Essa compreensão, aligeirada, deturpa o lugar que o educador ocupa enquanto catalisador, mediador,

estimulador e incentivador do processo criativo, assim como pode impedir de identificarmos a potência e as contribuições positivas de educadores como Arno Stern para a arte na primeira infância.

## O que a Educação Infantil pode aprender com Arno Stern? Costurando reflexões, entre ideias e práticas

*Fala-se muito de arte infantil, cometendo-se especialmente duas espécies de erros de apreciação: um deles considera-a como uma expressão ingênua e fantasista a opor aos produtos do espírito adulto, considerados como sérios. O outro pretende que a criança aperfeiçoe e retifique seu desenho, tornando-se tão rápido quanto possível um adulto, quer dizer, deixando muito cedo de ser criança.*  
**Arno Stern** (19--, p. 7).

Pelos caminhos da história, podemos desfiar muitas histórias que nos alimentam para pensar/fazer arte, formação estética, escola, Educação Infantil e infâncias. Aqui trago Arno Stern para a “roda”, costurando reflexões e vivências com suas ideias, posturas e práticas. Nesta parte, destaco alguns aspectos do seu pensamento e de sua prática para pensarmos arte na primeira infância a partir de suas publicações em língua portuguesa: *Aspectos e técnicas da pintura de crianças* (1974), *Uma nova compreensão de arte infantil* ([19--]); *Iniciação à educação criadora* (1978); e de uma de suas obras estrangeiras mais atuais: *Le jeu de peindre* (2011).

Importante destacar que muito do que Arno Stern nos traz em sua obra, nos seus saberes e fazeres no ateliê, dialoga com outros/as educadores/as contemporâneos no pós-guerra na Europa ou nos Estados Unidos, como Herbert Read e Viktor Lowenfeld, já citados no contexto do movimento Educação Através da Arte. Assim, ele também encarna um espírito idealista impregnado da crescente importância dada à arte da criança que vai chegar até nós nesse sentido da “livre expressão”, e que ele nomeia de “educação criadora”.

Onde está a dimensão criadora e livre, na Educação Infantil, sobretudo em propostas relacionadas ao campo da arte? Reconheço que há alguns avanços e iniciativas acerca do trabalho com arte na Educação Infantil, mas, pelas minhas observações e pelos relatos que recebo constantemente, na atuação docente como professora de arte e de arte/educação, há indicativos para afirmar que ainda há muito o que pensar e fazer em termos de formação docente de professores/as das infâncias no campo da arte e da educação estética.

Acredito que a formação estética nutre a pessoa do/a educador/a, de modo que essa nutrição reverbera e se multiplica em suas práticas com as crianças. Sobre isso, Arno Stern (1978) pontua acerca da importância de uma vida “rica de sensações” e da relevância de o educador estar “conectado” ao que acontece ao redor:

É preciso que o educador tenha uma vida rica de sensações de toda a espécie, que viaje, fale com homens (e mulheres) que tenham outros problemas, que se interesse pelo que se passa e o que se faz na sua terra e nas outras, isto é, o que se passa no mundo, porque as crianças são exigentes e sentem muito bem se o adulto está a par da vida ou não (Stern, 1978, p. 10).

Pelas ponderações do arte/educador, suspeitamos de que há ainda muito o que se refletir: sobre posturas e olhares da escola “sobre” a arte das/com as crianças; a forma como os/as educadores/as concebem as crianças e como planejam suas práticas “para” ou “com” elas; sobre o lugar social e histórico que a arte ocupa, se ainda é vista como algo supérfluo, desimportante, um “passatempo” ou “tapa-buraco” no cotidiano escolar; o “analfabetismo” diante das criações infantis, assim como a supervalorização de modelos prontos e da arte do adulto, como se a criação infantil fosse um “vir-a-ser” da arte adulta, ou algo que nunca será, e que gera toda uma sorte de equívocos, frustrações e produção de traumas e inadequações diante da arte da criança.

Com relação a isso, Arno Stern (1978, p. 24) afirma:

Passo a maior parte do tempo a dizer aos professores e aos pais que a criança não é um adulto em ponto pequeno, mas um ser dotado de qualidades que o adulto perdeu. E que a criança deve ser tomada a sério, as suas criações estimadas como manifestações preciosas que merecem sempre uma grande atenção. Isto faz parte das minhas convicções mais profundas e é um dos princípios elementares em que se fundamenta a minha prática educativa.

Das conversas com estudantes/docentes no curso de Pedagogia, a maioria já atuante na Educação Infantil, tenho (a)colhido narrativas que ainda atestam situações inaceitáveis quando se trata de arte na Educação Infantil, a começar pela relação de desinteresse e desvalorização, que muitos adultos têm diante das expressões infantis. Essas experiências revelam uma postura adulta clássica com relação à expressão da criança: o que ela cria não é considerado algo importante, ou significativo, que merece a atenção, lugar de destaque, interlocução para conhecer mais sobre a criança e sobre o que ela queria contar, partilhar.

Quantas vezes as crianças chegam com suas criações para os adultos, que sequer olham ou não olham com atenção? Muitas vezes vem acompanhado daquela expressão “que lindo！”, sem minimamente se atentar para o conteúdo dos desenhos. Aprendemos com Arno Stern que

a arte de uma criança nunca é algo aleatório, sem importância, ela sempre nasce de algo que a criança viveu, experienciou, aprendeu, quer expressar. Para a criança, como ele nos coloca, quando ela pinta, ela está carregando seu mundo no espaço do papel, pois “o que a criança pinta ou desenha não aparece por geração espontânea. A origem das suas imagens é externa e proveniente do desejo que a criança tem de explorar e apropriar-se do mundo que toca e observa desde a mais tenra idade” (Stern, 19--, p. 29). Segundo ele, a criança, ao representar, revive os elementos desenhados “carregando-os de si própria”, ou seja, a expressão infantil não se limita apenas à figuração dos objetos: “Há ‘o que’ a criança representa e ‘o porque’ ela o representa; sob o aspecto esconde-se um sentido!” (Stern, 19--, p. 30). Resulta daí a importância do/a educador/a e dos adultos como um todo em saberem ouvir e respeitar a seriedade de suas criações, no lugar de agirem como se fossem “bobagens infantis”, que são recebidas com desinteresse, na maioria das vezes.

Essas posturas revelam o quanto temos a criança como centro ou não das nossas ações e planejamentos, se sabemos ouvi-la de verdade, se estamos atentos às suas vivências, histórias e aprendizagens, ou se estamos apenas preocupados com planejamentos mais diretivos que devem ser cumpridos, um rol de afazeres que a criança deve ou tem que aprender, de acordo com as normas impostas pelos documentos oficiais, interpretadas como obrigatoriedades que se sobrepõem às crianças.

Para Arno Stern, a criança é o centro de toda a prática no seu ateliê. Claro que não podemos comparar a escola com seu *Closlieu*, pois há muitos aspectos que se contrapõem, mas vamos pensar especialmente em alguns elementos, no que tange ao trabalho com arte. Como já colocado anteriormente, em termos de postura, profissionalmente, Arno Stern se identifica como um *Servant*, um “servidor”, alguém que se coloca a serviço das necessidades das crianças, um provedor das condições necessárias àquilo de que a criança precisa para criar.

Nesse papel de servidor ele está muito atento a cada criança, a quem elas são, ao que desejam, ao que solicitam. Há uma atenção constante aos detalhes, uma presença cuidadosa que não é permissiva, mas tem autoridade, assim como um interesse genuíno em conhecer as crianças e acompanhar seus processos. Como ele diz: “Ser um professor de educação criadora significa conhecer cada criança, reconhecer seus quadros, lembrar-se do que ela fez durante as sessões anteriores, sentir quais são suas disposições; em suma, formar um bloco com ela” (Stern, 1978, p. 10). O/A educador/a atento e presente conhece verdadeiramente suas crianças. Ele defende que “o quadro da criança é um palco no qual se desenrola uma ação” (Stern, 1978,

p. 113).

Outro aspecto a se refletir sobre arte na escola é sobre a “exposição” dos trabalhos das crianças, em que observamos que muitos/as educadores/as fazem uma “seleção dos melhores” ou dos mais “perfeitos” de acordo com critérios arbitrários que não deveriam ser aplicados às crianças – quem define o que é “bom” ou “ruim”? Se as produções das crianças são singulares, por que selecionar, comparar, excluir? Qual o objetivo dessa “escolha” e da própria exposição em si? Geralmente é uma atividade para agradar aos pais, ou mesmo “mostrar serviço”, de se estar fazendo um trabalho “sério” na Educação Infantil, onde tudo que não é relacionado à leitura e escrita, como o brincar e as ações que promovam linguagens expressivas das crianças, parece menor ou sem importância. Quando não se conhecem as culturas infantis, não se dá espaço para o que é próprio da criança e de suas formas de ser/estar no mundo.

Para Arno Stern (1978, p. 34), “a expressão da criança não tem nada de exibicionista. É uma atividade vital séria, extremamente dramática” e, assim, ele se opõe radicalmente à exposição das pinturas produzidas no *Closlieu*, pois, para ele, dependendo de como é conduzida a exposição, o efeito é bastante negativo ou antieducativo. Em suas palavras:

Devem expor-se os quadros das crianças? Certamente que não: porque há sempre um certo exibicionismo nestas manifestações públicas e uma confrontação, o que é nocivo e antieducativo. O atelier tem a particularidade de suprimir radicalmente o espírito competitivo. Cada um tem seu papel e ninguém pensa igualá-lo, compará-lo, estabelecer hierarquias (Stern, 1978, p. 130).

Ele também critica veementemente os concursos de desenho:

Penso ser inútil dizer que sou contra todos os concursos, particularmente contra os desenhos de crianças, que se tornaram uma verdadeira moda. Dão a um júri a ocasião de se arvorarem em juízes numa matéria de que nada comprehendem. Dão lamentáveis desilusões às crianças que não são premiadas. E aos que ganham, a deplorável sensação de que um desenho é um objeto feito para seduzir os adultos e provocar uma recompensa (Stern, 1978, p. 131)

Na maioria dessas situações a intencionalidade pedagógica é questionável: qual o objetivo das exposições e dos concursos de desenho? Quando a arte na escola será pensada para e com as crianças, com atenção àquilo que é importante para elas, a partir das suas necessidades, desejos e curiosidades? Quando deixará de ser um “produto” para agradar aos pais e atender às expectativas e modelos adultocêntricos inalcançáveis? Ele nos afirma:

Enquanto o adulto olhar para os quadros infantis da mesma maneira que para as obras de adultos, encontrar-lhes-á sempre elementos desconsoladores, e não compreenderá nada do seu verdadeiro significado. Compreender a arte infantil pressupõe uma

capacidade particular de se abstrair da estética do adulto para entrar na comédia da arte infantil. Aplicar-lhes as normas de arte, quer seja clássica ou moderna, é o mesmo que querer ler espanhol quando só se fala inglês. São as mesmas letras, mas a frase não tem significado se não se conhecer a língua (Stern, 1978, 113-114).

A arte da/na infância convoca ao reconhecimento de uma produção que é genuína. É essencial aceitar a arte da criança como ela é, para que não aconteça o que testemunho no encontro com os jovens estudantes/educadores: o abandono da sua expressão plástica/gráfica ainda na infância. Sentem vergonha do seu desenho original que ficou, de alguma forma, “congelado” naquelas formas que não tiveram a oportunidade de desenvolver, de ampliar. É tão comum dizerem que não sabem desenhar! Mas é que não entendem: precisam acolher o seu desenho como ele é! Dar um acolhimento que, na infância, talvez não tenham recebido. Nas palavras de Stern (19--, p. 27), “devemos permitir às criações infantis serem diferentes das dos adultos. Em vez de procurar inúteis pontos de comparação entre os dois domínios, insistamos, pelo contrário, no que os diferencia”.

Defendendo a importância da continuidade, da regularidade e da profundidade do trabalho com a arte e com as técnicas, Arno Stern considera que o excesso de atividades e técnicas esvazia a experiência, pois em nada a criança consegue aprofundar, se apropriar e desenvolver. Por isso, “Não se deve dispersar as crianças, dando-lhes um grande número de atividades, mas sim concentrá-las numa técnica de expressão que se tornará, com seu aperfeiçoamento, uma linguagem poderosa” (Stern, 1978, p.117). Seguindo com ele sobre esses pontos:

Sou pela estabilidade, pela segurança, pela continuidade, portanto, oponho-me a métodos que levem a constantes mudanças de atividade. Penso que a multiplicação das técnicas, mesmo trazendo um enriquecimento no plano da experiência, cria uma dispersão e uma instabilidade certas. Não basta aflorar uma técnica, é preciso penetrá-la profundamente. A criança deve adquirir hábitos de trabalho sólidos. À variedade oponho a intensidade, isto é, o aperfeiçoamento de um meio permitindo a expressão ao nível mais profundo do ser (Stern, 1978, p. 27).

É evidente que a prática no ateliê não pode ser comparada com a da escola, ou da Educação Infantil, pois são ambientes distintos e com finalidades diferentes. Porém, conhecer a proposta do ateliê na perspectiva de Stern suscita uma reflexão importante, para avaliamos a forma como se propõe o contato com atividades e técnicas artísticas, pois muitas vezes vemos uma enxurrada de “novidades” e atividades pontuais e tecnicistas – bem no espírito das datas comemorativas: “hoje vamos colar o algodão na barba do Papai Noel” e pronto, acabou a “aula de artes”.

A continuidade e regularidade do trabalho consistente com arte, em qualquer de suas linguagens, permite a profundidade, a apropriação, o desenvolvimento da concentração, o que amplia as possibilidades criativas, pois, dominada a técnica, sobra o espaço da criação e da invenção. É importante para a criança compreender, ainda que de forma intuitiva, como no ateliê *Closlieu*, que há uma “forma” para melhor usar os materiais e obter melhores resultados, assim como é pertinente que ela note a seu modo a importância da constância e da dedicação no trabalho artístico, atributos que, cultivados pela prática e mediados pelo educador, favorecerão resultados satisfatórios para a criança.

O trabalho de Arno Stern nos ensina também sobre “ambiente” e “ambiente” – a primeira se refere ao acolhimento, à criação de um ambiente que promova a liberdade e o encorajamento, provendo o necessário para a criação, respeitando os processos singulares das crianças em meio à coletividade do jogo de pintar. É muito importante para a criança se sentir valorizada e ter seus processos acompanhados de verdade, com um/a educador/a atento, que conhece cada criança e seus processos de criação, que aprende como e quando intervir sem ser invasivo, ensinando sobre os materiais, as técnicas e as possibilidades de aperfeiçoamento e sofisticação das expressões na medida certa. O ambiente físico do ateliê nos ensina sobre a permanência, a organização do espaço, a qualidade dos materiais, que é preponderante para uma experiência artística satisfatória. Tudo é pensado e planejado para que seja prazeroso, para que gere alegria e satisfação pessoal.

Como podemos proporcionar vivências artísticas profundas e regulares na escola das infâncias? Arno Stern nos ensina o tempo todo sobre “postura do/a educador/a”. Outro ponto significativo é sobre a influência deste/a sobre o trabalho artístico da criança. Ele nos diz que “Não existe criação absolutamente espontânea, visto que há sempre um mínimo de influência em tudo que a criança faz. O que interessa saber é qual a parte de influência que protege uma integralidade infantil e a partir de que altura a invasão adulta a diminui ou mesmo a esmaga” (Stern, 19--, p. 67). Crianças, jovens e adultos podem desistir de se expressar artisticamente na infância, esmagados pela invasão adulta, indevida. É o caso daqueles estudantes, a que me referi anteriormente, que passaram a repetir a afirmação “eu não sei desenhar”.

“As imagens são necessárias para encarnar formas simbólicas que são, por si só, os suportes da expressão. A satisfação vem do nascimento, por suas mãos, duma forma simbólica associada a uma sensação”, afirma Stern (1978, p. 114), para quem o ateliê recria uma condição primordial: a da “autêntica liberdade de reencontrar o seu eu” (Stern, 1978, p. 143). Assim, se

a arte tem um papel importante na constituição do nosso “eu”, para a elaboração e expressão das experiências vividas no desenvolvimento da nossa existencialidade, o que perdemos quando abandonamos os meios expressivos capazes de nos prover recursos para essa formação? Infelizmente, não se pensa sobre as consequências desses abandonos durante a infância, tamanha a banalização e a naturalização com que esse processo ocorre.

Daí a importância do resgate da capacidade criadora do adulto, na pessoa dos/as educadores/as – resgatar o “desenho perdido”, a expressão plástica sufocada que, uma vez reintegrada, pode fortalecer e multiplicar a compreensão e a necessidade de se valorizar, respeitar e promover espaço para a expressão genuína da criança através da arte, reconhecendo suas contribuições para o desenvolvimento humano na primeira infância e o papel da escola nessa semeadura.

### O Ateliê Pintante e a arte na primeira infância: a semente que hibernou e frutificou

*As criações espontâneas das crianças são fruto de seus mundos de vida, como diários íntimos, e não devem, no contexto do Jogo de Pintar, ser expostas como “obras de arte”, assim como não devem atender a expectativas ou especulações do que significam ou demonstrar algum domínio ou apuro técnico. Cotidianamente, vemos nascer milhares de pinturas, às quais devemos evitar julgamentos de beleza, apesar de nos extasiarmos com elas. No ateliê, é possível vermos criações vivas e intensas das crianças, espontâneas e originais, o que se diferencia, muitas vezes, das produzidas em outros ambientes. Gostamos de pensar que a liberdade proporcionada pelo Jogo de Pintar promove essa expressividade intensa.*

*Luciane Goldberg (2025, p. 16).*

Desde que conheci Arno Stern, *en passant*, naquela disciplina no curso de Artes Visuais, já citado, ao saber da existência do seu *Closlieu* e de toda a sua postura frente à pintura das crianças, a curiosidade e o desejo de saber mais me mobilizaram. Sonhei em poder atuar nessa mesma direção. Mas foi preciso a semente do desejo hibernar por um tempo, para que despertasse e frutificasse anos depois.

Como professora de Arte e Educação no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC) desde 2011, atuo como coordenadora do projeto de extensão “Ateliê de pintura livre do IPREDE: educação criadora na primeira infância – Ateliê Pintante”, criado em 2019

através da parceria entre a UFC e o Instituto da Primeira Infância (IPREDE), projeto este que trouxe a referência de Arno Stern para a instituição, culminando na implementação de um ateliê de pintura inspirado no seu ateliê *Closlieu*, onde se pratica o “jogo de pintar”.

O IPREDE é uma Organização da Sociedade Civil (OSC) e lá o projeto recebe crianças em extrema vulnerabilidade social, encaminhadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), e crianças com deficiências do Atendimento Educacional Especializado (AEE), através do Projeto Vincular, uma parceria entre o IPREDE e a Secretaria Municipal de Educação (SME) de Fortaleza - CE.

De um único ateliê instalado em 2020 através da parceria entre o IPREDE, o Ateliê Cloliê de Soraya Lucato e a UFC, o trabalho se expandiu e, em 2024, tivemos a inauguração da “Estação Lu Goldberg – unidade de desenho e pintura” (Figuras 2 a 5), uma usina de arte, educação e inclusão que possui três Ateliês Pintante, um salão de desenho, uma sala de artesarias e que promove experiências com a fotografia e a educação ambiental (ecoarte). Nesse lugar, e nesses anos de projeto de extensão, junto com a equipe, a maioria de pedagogos/as, temos aprofundado os estudos e as leituras, promovendo formações sobre Arno Stern. No cotidiano do ateliê, temos visto aquilo que ainda pulsa de seu legado entre nós, impulsionando-nos como inspiração para o trabalho com a arte na primeira infância nos dias de hoje, e aquilo que não se adéqua, aquilo que precisamos adaptar à nossa realidade, nosso público, nosso contexto social, cultural etc.

Figuras 2 a 5 – Estação Lu: crianças pintando no Ateliê Pintante - IPREDE, 2024



Fonte: acervo da Estação Lu

Mobilizada pelos Ateliês Pintante da “Estação Lu” no IPREDE, implementei em 2024 o Ateliê Pintante da FACED (Faculdade de Educação da UFC)<sup>vi</sup> (Figuras 6 a 9) e acompanho a implementação do primeiro Ateliê Pintante num Centro de Educação Infantil (CEI) da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza – o primeiro instalado numa instituição de

educação formal Educação Infantil. São espaços que abrem novos horizontes para a expressão artística de pedagogos/as em formação, os quais, além de atuarem como mediadores em relação às crianças, têm também a oportunidade de se (re)conectar com sua expressão através da pintura. Trata-se, portanto, para os/as pedagogos/as, de um processo de mão dupla, já que tanto se inserem mediadores capazes de favorecer as experiências oferecidas às crianças, como tocam eles/as próprios/as em camadas pouco exploradas de sua própria expressão subjetiva.

Figuras 6 a 9 – Estudantes de Pedagogia e crianças no Ateliê Pintante da FACED - UFC, 2024



Fonte: acervo do Ateliê Pintante da FACED

A partir do estudo das obras de Arno Stern aqui citadas e da implementação dos Ateliês Pintante no Instituto da Primeira Infância (IPREDE) e na Faculdade de Educação (FACED/UFC), temos aprendido muito sobre arte na primeira infância nesses diferentes contextos. No IPREDE, com liberdade, as crianças criam através do Jogo de pintar. Nesses anos em que o ateliê está ativo, vemos nascer cotidianamente pinturas cheias de cores e histórias, com a vida pulsante de cada criança protagonista do seu processo criativo. Nesse espaço elas podem dar corpo de tinta a tudo o que quiserem, sem modelos, julgamentos, comparações. Suas pinturas tomaram conta da instituição de tal forma que foram criados mais ateliês, para que mais crianças possam viver essa aventura espontânea de se expressar através da pintura. Centenas de crianças em extrema vulnerabilidade e com deficiências têm no IPREDE a oportunidade de viver a experiência desse ateliê, e nós somos testemunhas dos benefícios dessa prática regular que transborda beleza e encantamento, respeitando suas criações como “diários íntimos”.

Com relação à formação dos educadores que atuam no ateliê, testemunhamos que os/as pedagogos/as que fazem parte da equipe aprendem posturas muito diferenciadas diante da criança e de sua arte. Aprendizagens sensíveis, que depois alimentam as práticas pedagógicas

nas escolas, quando deixam o ateliê para exercer o ofício docente na rede pública e privada de Fortaleza – CE.

## O respeito à criança e à sua arte: grande lição! À título de considerações finais.

Arno Stern iniciou sua experiência com a arte na primeira infância no pós-guerra, nos anos 1940, quando foi convidado a “recrear” as crianças numa casa de órfãos de guerra. Todo seu legado nasce dessa experiência empírica, que levou à criação do ateliê *Closlieu*, em Paris, e da prática do Jogo de Pintar. Ele trabalhou incansavelmente como *Servant* até falecer, aos 100 anos de idade, em 2024. Dedicou mais de 70 anos a promover arte com crianças, jovens e adultos, criando algo completamente singular, que não pode ser comparado à nenhuma outra iniciativa de ateliê. De sua prática elaborou suas teorias, nascidas de sua extensa observação longitudinal daqueles/as que pintaram em seu *Closlieu* por uma vida, deixando um acervo imenso de pinturas, de décadas.

Arno Stern faz parte de um tempo que nos trouxe conhecimentos muito significativos sobre arte, crianças, educação e processos criativos; integrou um movimento que, junto de seus contemporâneos, educadores em busca de um ideal de sociedade democrática, defendia que a arte deveria ser a base de toda a educação. Identificamos, em suas propostas, muitos dos princípios e das práticas presentes em outros pensadores, o que não seria nenhuma novidade. Porém, a indubitável originalidade do seu pensar-fazer educação pela arte com as crianças reclama que conheçamos um pouco mais de seu pensamento e de seu legado, praticamente desconhecido no Brasil, mas com o qual temos aprendido a cada dia – no caso, no chão do ateliê: com as crianças e na formação artística e estética de professores das infâncias – que é preciso seguir rompendo paradigmas adultocêntricos, perpetuadores de práticas pedagógicas engessadas e que não respeitam a arte da criança.

Por outro lado, a radicalidade de Arno Stern pode assustar. Ele chama o adulto de “parasita” (em seus livros antigos) e critica fortemente a escola, especialmente aquela que ainda atua carregada das expressões da pedagogia tradicional. Por isso é importante contextualizarmos sempre aquilo que nos chega já datado e que nunca poderá ser “importado” ou “reproduzido” em nossas realidades. Seus filhos não foram à escola formal e, evidentemente, propomos algo bastante inusitado ao inserir um ateliê inspirado em seu *Closlieu* em instituições de Educação Infantil como projeto piloto, em Fortaleza-CE, conforme descrevi anteriormente – experiência que ainda vamos viver e com a qual iremos aprender.

Longe de esgotar as contribuições desse grande educador e consciente de que muitos aspectos ainda poderiam ser somados nessa provocação lançada, certamente a Educação Infantil pode aprender com Arno Stern sobre o respeito à criança e à sua arte, (re)conhecendo que a arte da criança é diferente da arte do adulto e que a expressão é fundamental para seu desenvolvimento. Pode aprender, também, sobre a necessidade de organização/disponibilização de espaços de criação para o exercício espontâneo da arte, pois a arte da criança é algo sério para ela, portanto não cabe ao adulto, na docência, julgar, comparar, impor modelos ou esperar que ela seja aquilo que ela não é. O legado de Arno Stern reafirma o que atualmente está posto com veemência: precisamos estar atentos/as às posturas adultocêntricas que ainda são reproduzidas, reveladas, por exemplo, no desinteresse e na desvalorização das criações artísticas infantis: “A infância constitui uma parte importante da vida humana, não é um estado provisório. O que a criança sente, experimenta e exprime é importante e tem valor definitivo” (Stern, 197--, p. 27).

O espírito do *Servant*, a humildade do “servidor”, atitude tão cara à Arno Stern, nos fala da importância da atenção aos detalhes e da presença cuidadosa de um/a educador/a que tem autoridade, assim como um interesse genuíno em conhecer as crianças e acompanhar seus processos, acolhendo suas vozes e modos de ser, apoiando suas ideias e imaginação.

O que acontece se seguirmos sem o respeito à expressão da criança através da arte, sem proporcionar lugar e espaço para que possa se expressar de modo livre e espontâneo, acompanhada e mediada por educadores/as sensíveis e preocupados genuinamente com suas necessidades, desejos e interesses?

A pergunta pode parecer retórica, mas o diálogo com Arno Stern nos convoca ao respeito à criança e às suas expressões, pedindo que nos dediquemos a prover uma ambiência e um ambiente propício à criação, que possa acolher, estimular e atender às necessidades das crianças, acompanhando e encorajando seus processos criativos, “formando um bloco com elas”, como aquele catalisador, mediador, que encontra meios de intervir sem impor ou invadir, sabendo como intervir. Seu legado nos inspira a sermos “guardiões” da arte da criança, nos encoraja e nos ensina a promover mais o espírito do “jogo” quando se trabalha a arte na escola, com seriedade e regras claras, mas que não impeçam o prazer, a alegria e a satisfação plena de quem vive a experiência da criação.

Na argumentação que tecí, costurei alguns sentidos e contributos de Arno Stern. Porém, estou certa: o que podemos aprender com ele hoje, para a Educação Infantil no nosso país, só

encontrará ressonância naquilo que faz sentido em nosso contexto histórico, social e cultural. Aquilo que reverbera se atualiza e pode fundamentar ideias e práticas na direção de se pensar e fazer arte na primeira infância, especialmente na Educação Infantil, como um processo importante, alimentado de experiências positivas para que as crianças não abandonem suas formas expressivas através da arte na primeira infância. Para que cresçam conscientes de que sabem desenhar e de que podem se expressar por meio de múltiplas linguagens, de forma pessoal, única, quer dizer, autoral.

## Referências

- BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação no Brasil*: das origens ao modernismo. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- BARBOSA, Ana Mae. *Arte/Educação*: Leitura No Subsolo. 2. ed. São Paulo: Cortêz, 1997.
- BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BARBOSA, Ana Mae (Org.) *Ensino da arte*: memória e história. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae. *John Dewey e o ensino de Arte no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no Ensino da Arte*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. 9. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.
- BRASIL. *Lei nº 9.394*, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. *Lei nº 5.692*, de 11 de agosto de 1971.
- FUSARI, Maria Felisminda de Rezende; FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de T. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Metodologia do ensino de arte*. São Paulo: Cortez, 1992.
- GOLDBERG, Luciane Germano. O jogo de pintar de Arno Stern no Ateliê Pintante do Instituto da Primeira Infância (IPREDE/CE). *Olhar de professor*, Ponta Grossa, v. 28, p. 1-18, e-24343.002, 2025. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>. Acesso em: 04 nov. 2025.
- GOLDBERG, Luciane Germano. BEZERRA, Larissa Rogério; PEREIRA JÚNIOR, Leandro da Silva. *Do singular-plural e as experiências formativas em arte de licenciandos em*

*Pedagogia na Universidade Federal do Ceará.* In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA –UNICID. 8. Anais. São Paulo, set. 2018. ISSN 2178-0676.

GOLDBERG, Luciane Germano. Experiências formativas em arte dos licenciandos em Pedagogia da UFC: influências da pedagogia tecnicista. In: ANDRADE, Francisco Ari de; VIANA, Carlos Augusto; JESUÍNO, Filipe de Menezes; SILVA, Renata Aquino da. (Orgs.). *Educação Brasileira: conceitos e contextos*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014.

GOLDBERG, Luciane Germano; OLINDA, Ercília Maria Braga de; BEZERRA, Larissa Rogério. *Narrativas de experiências formativas em arte: a linha do tempo de estudantes universitários*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA – CIPA. V. Anais. PUC, Casa Leiria, Porto Alegre, 2012a.

GOLDBERG, Luciane Germano; BEZERRA, Larissa Rogério. Linha do tempo: Narrativas de vida e experiências formativas em arte. In: CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DOS ARTE-EDUCADORES DO BRASIL -ARTE/EDUCAÇÃO: CORPOS EM TRÂNSITO. Anais. São Paulo, 2012b.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*: o jogo como elemento da cultura. 8. ed. Tradução: João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2014.

LOWENFELD, Viktor; BRITTAINE, W. Lambert. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

READ, Herbert. *A educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

STERN, Arno. *Aspectos e técnicas da pintura de crianças*. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.

\_\_\_\_\_. *Uma nova compreensão de arte infantil*. Lisboa: Livros Horizonte, [19--].

\_\_\_\_\_. *Iniciação à educação criadora*. Lisboa: SOCIOCULTUR, 1978.

\_\_\_\_\_. *Le jeu de peindre*. Paris: Actes Sud, 2011.

<sup>i</sup> Tradução livre do francês: “Se eu tivesse que resumir em uma palavra o que ensino aos futuros educadores/atelieristas, eu diria: respeito”.

<sup>ii</sup> Para saber mais: o documentário *Alphabet* (2013), dirigido por Erwin Wagenhofer. IMDB <https://www.imdb.com/pt/title/tt3215346/>). Trailler: [https://www.youtube.com/watch?v=b\\_KrJseVUo](https://www.youtube.com/watch?v=b_KrJseVUo)

<sup>iii</sup> Tradução livre do alemão, do documentário *Alphabet* (2013), dirigido por Erwin Wagenhofer.

<sup>iv</sup> Soraya Lucato é artista, arte-terapeuta e arte/educadora, tendo feito formação direta com Arno Stern em seu *Closlieu*, em Paris, e tem vasta experiência como *Servant*. Principal difusora de Arno Stern no Brasil, ela promove formações de facilitadores de Jogo de Pintar e montagem de ateliês no Brasil e na América Latina.

<sup>v</sup> Tradução livre: “Falar a ele sobre uma manifestação sem um produto? Ele pergunta: qual o sentido então? Ele aceitará a ideia de que a necessidade de jogar é mais importante do que o orgulho de ser premiado?”

<sup>vi</sup> Para conhecer o Ateliê Pintante da FACED UFC, acessar: [https://www.instagram.com/atelie\\_pintante\\_faced/](https://www.instagram.com/atelie_pintante_faced/)